

Introdução

Cerca de duas décadas após o 25 de Abril de 1974 era ainda muito limitada em Portugal a consideração do movimento estudantil e da condição social e cultural do estudante universitário como objectos de investigação e de estudos fundamentados. Parecia que as análises nesse domínio desenvolvidas na década de 1960 por Adérito Sedas Nunes e pela sua equipa não haviam deixado rasto e que a observação do universo estudantil se deveria remeter aos trabalhos no campo da história e das ciências da educação, aos relatórios estatísticos publicados pelos sucessivos governos, a posições pontuais dos partidos políticos e a um ou outro texto de carácter essencialmente nostálgico e memorialista. Fora destes campos, apenas a comunicação social se preocupava em recordar uma ou outra efeméride relacionada com um movimento transformado em «objecto de museu», ou então, quando as circunstâncias o justificavam, em dar alguma visibilidade a protestos pontuais dos alunos universitários.

Terá sido a transformação brutal operada no sistema universitário com a emergência e o rápido alargamento do ensino privado, produzindo uma nova realidade sociológica e cavando contradições cujas ondas de choque ainda hoje nos chegam, a chamar a atenção de outras áreas das ciências sociais e humanas, como a sociologia e a história. Surgiram então, nestes domínios disciplinares, os primeiros estudos sistemáticos destinados a observar o universo estudantil universitário como área autónoma, com as suas dinâmicas próprias e uma grande notoriedade social. Ao mesmo tempo começou a perceber-se — em articulação com o desenvolvimento

de estudos produzidos internacionalmente sobre o problema, particularmente numerosos e notáveis no domínio da produção científica anglo-saxónica — o carácter limitado das apreciações que olhavam o passado do movimento estudantil numa tentativa de menosprezar as novas tendências, comparando-as negativamente com alguns momentos do combate estudantil considerados paradigmáticos, do que de entendê-las na sua diversidade, complexidade e, não temamos a palavra, continuidade também.

Trabalhos como os de Celso Cruzeiro, Rui Namorado, Nuno Caiado, Álvaro Garrido, João Teixeira Lopes, José Machado Pais, da equipa do ISCTE (Fernando Luís Machado, João Ferreira de Almeida e António Firmino da Costa), ou, mais recentemente, os de Ana Drago e Miguel Cardina, foram, sem dúvida, contributos importantes para o conhecimento histórico e sociológico desta temática, mas subsistem diversas dimensões do fenómeno ainda por explorar. Por exemplo, não houve até agora qualquer pesquisa que se debruçasse sobre os impactos e possíveis ligações entre as experiências do movimento estudantil de períodos passados — em especial os «longos anos 60» — e as novas modalidades de acção associativa da juventude universitária emergentes nos últimos anos.

O projecto que deu origem ao presente livro visou, desde o início, alterar esta situação, promovendo uma análise fundamentada, centrada num estudo de caso localizado em Coimbra, de um conjunto de aspectos que, no domínio da análise histórica e sociológica, permitem desenvolver o conhecimento neste campo, contribuindo ao mesmo tempo para perceber alguns dos factores de continuidade transtemporal que, só por si, permitem um estudo analítico autónomo. Através dele, pretendeu-se observar e analisar facetas mais escondidas, ou menos evidenciadas até agora, das lutas estudantis de há quatro décadas e, simultaneamente, perceber — através de uma abordagem que desde sempre se assumiu como crítica e comprometida, mas o mais possível objectiva e não ideológica — até que ponto e quais os contornos que os movimentos da década de 1960 têm vindo a adquirir nas representações subjectivas da juventude universitária de Coimbra da actual geração. Procurou-se, desta maneira, detectar aproximações onde até então apenas pareciam existir fracturas e, inversamente, captar e interpretar profundas diferenças onde, até há pouco tempo, se imaginavam sobretudo factores de tradição e de continuidade.

Este livro divide-se em duas partes, sendo a primeira dedicada ao tratamento do referido período dos anos 60 (essencialmente a década de 1960, mas que se prolonga até ao 25 de Abril de 1974) e a segunda centrada na actual geração. Assuntos relacionados com os estilos de vida dos anos 60, tais como a vida boémia, a moral sexual, o conservadorismo envolvente, os inúmeros preconceitos e tabus da época, a relação entre a comunidade estudantil e a cidade, bem como a busca de alternativas e as influências exteriores de diversas correntes filosóficas e intelectuais e os consumos culturais que se inseriam naquele contexto, aparecem aqui articulados com outros temas mais abertamente de uma natureza sócio-política. Entre estes, destacam-se a emancipação da mulher, as formas de acção política, o problema da guerra colonial, o radicalismo e as clivagens ideológicas entre as diferentes correntes de esquerda que penetraram o movimento. Tais aspectos são abordados de um ponto de vista histórico, mas recorrendo a ferramentas e procedimentos metodológicos transversais a outras disciplinas das ciências sociais, no sentido de traçar um quadro multifacetado dessa realidade, levando-nos a revisitar territórios que hoje tendem a esbater-se, se não mesmo a apagar-se definitivamente da memória colectiva da actual geração de estudantes.

Na segunda parte começa-se por apresentar a caracterização sociológica da actual comunidade estudantil, recorrendo para tal a um inquérito representativo do conjunto das faculdades da Universidade de Coimbra. Retomam-se alguns dos resultados de um inquérito anterior realizado em 2000 — que decorrera no âmbito de um outro estudo —, o que nos permite interpretar a evolução recente do corpo estudantil, quer no campo das práticas, subjectividades e estilos de vida, quer quanto ao seu enraizamento geográfico e às origens de classe. Para além disso, desenvolve-se toda uma série de questões tratadas e discutidas com base nos resultados obtidos através do inquérito aplicado em 2005-2006. Analisam-se aspectos como os consumos culturais e práticas de lazer, os níveis de participação associativa, a opinião sobre a Associação Académica de Coimbra (AAC), os hábitos de leitura, as atitudes perante a praxe e os rituais académicos, as orientações perante a vida (a partir de uma tipologia que será explicada no momento próprio), a importância atribuída a diversas instituições e problemas sociais, as opiniões sobre os movimentos estudantis dos anos 60, etc., aspectos que são cruzados com um conjunto de variáveis, nomeadamente a categoria

sexual, as áreas de formação académica, as origens geográficas, e, em certos casos, faz-se também a comparação entre os residentes nas repúblicas e a população estudantil em geral.

Ao longo do estudo procurou-se, sempre que possível, integrar na análise a estratégia comparativa privilegiada à partida, no sentido de lançar luz sobre algumas vertentes menos conhecidas do movimento associativo e dos estudantes universitários no seu conjunto, quer durante as décadas de 1960-1970, quer na actualidade.

Desta maneira, as culturas estudantis e as actividades associativas aqui abordadas cingem-se ao campo universitário de Coimbra, mas pretendeu-se, acima de tudo, partir desta realidade mais circunscrita para compreender algumas das importantes contradições e intensas mudanças que têm marcado a sociedade portuguesa desde meados do século xx até aos dias de hoje. Desempenhando a memória um papel central no imaginário das gerações e na construção identitária dos movimentos sociais, a possível ligação que as suas sucessivas representações preservam entre os activistas de ambos os períodos estudados fica aqui expressa, pelo menos nas suas tonalidades mais vincadas ou em alguns dos vestígios que resistem ainda ao seu processo de fragmentação. Ou seja, reconhece-se que essa memória se confunde por vezes com a sua própria mistificação, nomeadamente através de uma cosmética discursiva que é possível identificar em boa parte do actual dirigismo associativo.

É destas questões que dá conta o presente livro, sendo certo que, mais do que chegar a conclusões ou soluções «definitivas», o que moveu os seus autores foi sobretudo o esforço de abrir novas linhas de discussão nesta área de estudo. Ambos esperam ter conseguido cumprir este objectivo.